

VENCENDO A CRISE QUE ENFRENTAMOS

A RPM TEM TODAS AS CONDIÇÕES PARA CONSTRUIR O BEM-ESTAR

Presidente Samora Machel na mensagem de Ano Novo dirigida à Nação

O Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, endereçou ontem ao Povo moçambicano uma mensagem de Ano Novo.

Nessa mensagem, o Chefe do Estado disse que a República Popular de Moçambique tem todas as condições para vencer a crise e construir o futuro de bem-estar e prosperidade que todos desejamos.

Na altura em que o Presidente Samora leu a mensagem encontravam-se presentes altos dirigentes do Partido e do Estado, entre os quais Armando Panguene, Secretário do Comité Central do Partido Frelimo, e Fernando Ganhão, da Comissão Permanente da Assembleia Popular.

É o seguinte o conteúdo da mensagem do Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, dirigida ao Povo moçambicano:

Maputo, quarta-feira, 1 de Janeiro de 1986

Mocambicanas,
Mocambicanos,
Compatriotas,

* Mil novecentos e oitenta e cinco foi

versário da Independência Nacional. Do Rovuma ao Maputo, mocambicanos, de todas as origens e de todas as condições, festejaram com júbilo e orgulho este grande aniversário da nossa Pátria soberana e livre.

Em cerimónias oficiais e também nas comemorações espontâneas que ocorreram por toda a parte, o Povo moçambicano reviveu o longo caminho percorrido.

Todos recordámos, com vibração patriótica, as duras provocações e sacrifícios que importou a conquista da Independência Nacional.

Com amor e devoção falámos dos nossos heróis, aqueles que com o seu exemplo e a sua vida construíram a vitória na Luta Armada de Libertação Nacional. Mas o 10.º aniversário foi sobretudo momento de avaliação das realizações da República Popular de Moçambique, na dignificação do homem e construção do bem-estar, do progresso e da justiça.

Apreciámos o profundo significado das primeiras medidas políticas, económicas e sociais, conducentes à construção de um Estado de democracia popular e à criação das bases da sociedade socialista na nossa Pátria livre.

Apreciámos a actuação diplomática consequente da República Popular de Moçambique a favor da libertação dos povos, contra o imperialismo, o colonialismo, o racismo e o «apartheid», pela paz, pela democracia, pelo progresso e justiça social.

Analisámos e compreendemos a verdadeira dimensão da guerra que nos movem os inimigos da liberdade, apostados em subverter a natureza do nosso Estado e o sentido da nossa Independência.

Ao lado das condições climáticas adversas e das pesadas consequências da crise económica mundial sobre a nossa economia, a agressão que do exterior nos é movida tem constituído um factor de incidência fundamental no atraso da nossa recuperação económica.

Apesar do concurso de tantos factores negativos, a República Popular de Moçambique tem todas as condições para vencer a crise e construir o futuro de bem-estar e prosperidade que todos desejamos.

A estratégia que o nosso Estado prossegue, sob a direcção do Partido Frelimo, dá já os seus primeiros resultados.

No plano internacional neutralizou-se o cerco que o imperialismo pretendia fechar à nossa volta. Conseguimos avanços no isolamento das forças agressivas da nossa região. Reforcámos as nossas alianças e ganhámos mais amigos. Crescem constantemente a simpatia e a compreensão para com as posições da República Popular de Moçambique.

Hoje o Mundo está consciente de que Moçambique é vítima do terrorismo. Muitos países, incluindo no Ocidente, condenam a agressão terrorista e racista contra o nosso País. Manifestam a sua solidariedade e querem contribuir positivamente para o estabelecimento da paz na África Austral.

Respeitando a nossa opção socialista, promovemos a cooperação com todos os membros da comunidade

Internacional. Com optimismo realista encaramos o desenvolvimento positivo das relações que mantemos com novos parceiros económicos.

Saientámos e saudamos o apoio material que, de forma crescente e importante, a comunidade internacional tem prestado à República Popular de Moçambique.

No plano interno, a ofensiva militar permitiu destruir as principais posições do banditismo armado e desarticular a sua acção criminosa.

A nossa ofensiva tem levado à libertação de milhares de camponeses que viviam escravizados pelos bandidos, em condições sub-humanas e brutais. Apesar do apoio que círculos belicistas sul-africanos continuam a conceder ao terrorismo, em violação do Acordo de Nkomati, é inegável a desagregação do banditismo armado.

O Estado moçambicano manterá a aplicação da política de clemência em relação àqueles bandidos armados que se entregarem às nossas autoridades com as suas armas, verdadeiramente arrependidos e dispostos a serem reintegrados na Nação moçambicana.

O Estado continuará a ser inflexível e implacável contra todos aqueles que persistirem na via do crime e da barbárie contra o nosso povo.

Compatriotas,

Mil novecentos e oitenta e seis será o ano da generalização da ofensiva em todas as frentes.

Sentimos com emoção o entusiasmo patriótico com que todo o nosso povo e, em particular, a Juventude respondem ao Chamamento para a Defesa da Pátria. A incorporação de tantos jovens com graduação académica e diversas experiências profissionais, contribuirá para elevar o nível organizativo das nossas Forças Armadas e, consequentemente, melhorar a sua prontidão combativa.

Registámos também que, por parte de todos os sectores de actividade, e especialmente os produtivos, é melhor assumido o princípio de que a guerra é a primeira prioridade.

Do mesmo modo, podemos assinalar que cresce a compreensão de que as operações militares devem ser planificadas, tendo em conta as necessidades do desenvolvimento económico.

Esta ligação entre a defesa e a economia e para nós uma lição da nossa própria história, inspira-se na ligação que sempre houve entre o combate e a produção, entre o guerrilheiro e o camponês.

No domínio da economia, a 14.ª Sessão da Assembleia Popular fez uma análise profunda e fixou, no Plano Estatal Central para 1986, as principais direcções do nosso combate.

Há que prosseguir, com consequência, na correcção dos erros e desvios detectados na materialização de aspectos importantes da nossa política económica.

Da mesma forma, deverão ser realizadas acções complementares a fim de garantir que algumas das medidas já tomadas na área económica atinjam completamente os objectivos visados.

Isto aplica-se, nomeadamente, à Lei de Investimento Estrangeiro, às novas disposições sobre a gestão cambial e à política de liberalização dos preços de alguns produtos do abastecimento do povo.

O estudo mais sistematizado destes casos e a proposta da acção adequada a cada situação são os objectivos do trabalho de uma Comissão nomeada pelo Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo para preparar um programa de medidas de política económica, a implementar a partir de 1986.

Esta Comissão fará incidir o seu trabalho, de uma maneira especial, nas questões relativas a preços, salários, organização do trabalho e reequilíbrio financeiro.

Em 1986 aprofundaremos e ampliaremos as acções de controlo sobre as empresas, cooperativas e unidades de produção e sobre o próprio aparelho de Estado. Implementaremos a Lei do Trabalho aprovada na 14.ª Sessão da Assembleia Popular.

Aplicaremos, em todos os níveis, o princípio da prestação de contas. Neste processo, é urgente a activação das comissões de trabalho das Assembleias do Povo que deverão, em cada escalão, controlar o funcionamento das áreas estatais.

Em todos os sectores, do dirigente do aparelho de Estado ao director da empresa, escola e hospital, teremos

[* Line missing in original text.]

de materializar o princípio da prestação regular de contas e a responsabilização individual pelo cumprimento das tarefas.

Assim, elevaremos o nosso nível organizativo. Assim aumentaremos a produção e a produtividade, garantindo a realização das metas traçadas no Plano.

Assim avançaremos com segurança

classe, o exercício do poder nas Assembleias do Povo.

A realização das Eleições Gerais, nas condições da guerra que o país enfrenta, constitui um desafio à capacidade e à determinação de todos os patriotas, de todos os moçambicanos empenhados na criação do progresso e bem-estar na Pátria libertada.

No decorrer do processo eleitoral, deveremos promover um amplo debate sobre as tarefas das Assembleias do Povo e dos deputados na nossa sociedade.

Há muitas lições a tirar do estudo da experiência das Assembleias, cujo mandato vai expirar.

As Segundas Eleições Gerais constituirão um momento alto da vida da nossa Nação independente e soberana. Através delas garantiremos que o povo estará representado, nos mais elevados órgãos do poder de Estado, em cada escalão, pelos seus melhores filhos, por aqueles que melhor interpretarão e servirão os seus interesses.

Façamos das Segundas Eleições Gerais um momento de consolidação da Unidade Nacional, de elevação da consciência patriótica, de agudização da vigilância, de aprofundamento da democracia popular, de fortalecimento do poder do Estado de operários e camponeses.

**Moçambicanos,
Moçambicanos,
Compatriotas,**

Mil novecentos e oitenta e seis, será o Ano Internacional da Paz. Importa que, no interesse de toda a Humanidade, se prossigam as acções já significativas realizadas em 1985, no sentido da eliminação das causas das tensões, conflitos e guerra.

A nível mundial, consideramos necessário desenvolver as tendências favoráveis ao entendimento, ao diálogo e à paz manifestadas em 1985, nas relações entre Estados com sistemas políticos e sociais diferentes.

Evitar a militarização do espaço cósmico, cessar a corrida armamentista, destruir o arsenal militar capaz de accionar uma guerra nuclear destruidora da própria civilização humana, são direcções fundamentais na política internacional. Estas direcções constituem parte da política externa de paz da República Popular de Moçambique.

Cessar, ao nível regional, os actos de guerra, as agressões e o terrorismo e o uso da força nas relações entre os Estados são também direcções fundamentais às quais deveremos prestar a atenção necessária.

Alcançar a paz na África Austral significará Independência Nacional para a Namíbia e o fim do «apartheid» na África do Sul. Significará respeito pela soberania, integridade territorial e independência dos Estados da África Austral. Significará consequentemente, cessação dos actos de agressão, de violência e terrorismo, promovidos pelos círculos belicistas da África do Sul, em violação das mais elementares normas de direito internacional, reguladoras das relações entre os Estados.

A paz é factor indispensável para o desenvolvimento dos povos. A paz

cada vez mais meios e recursos no desenvolvimento dos povos, para que sejam eliminadas as diferenças gritantes entre a miséria e a opulência, entre a estagnação de muitos e a prosperidade de alguns.

A República Popular de Moçambique prosseguirá com os seus esforços em favor da paz na África Austral e no mundo.

Compatriotas,

Queremos salientar nesta ocasião, a nossa convicção profunda de que a prosperidade e o bem-estar dependem essencialmente do esforço e determinação de todos e de cada um de nós.

Ao dirigirmos os melhores votos de Feliz Ano Novo, boa saúde e prosperidade a todos os moçambicanos, reafirmamos que a felicidade se constrói com as nossas mãos, com a nossa inteligência, a nossa coragem, a nossa capacidade. A felicidade constrói-se com a dedicação inabalável à causa do povo, com confiança indelutável na vitória, sejam quais forem os sacrifícios a fazer.

Neste início de um Novo Ano, dirigimos uma saudação muito especial aos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), que com heroísmo e abnegação constituem a muralha de aço intransponível contra a qual se esmagam todas as tentativas de agressão.

Saudamos as forças policiais e os serviços de segurança, cujo agudo sentido de vigilância constitui o garante da tranquilidade da vida e dos bens do povo.

Saudamos os operários, os camponeses, os cooperativistas, os artesãos, todos aqueles que com as próprias mãos, constroem a riqueza da nossa grande e bela Pátria.

Saudamos os intelectuais revolucionários, os quadros técnicos, os funcionários do Partido e do Estado.

Saudamos com viva emoção os professores, os médicos, os enfermeiros, as parteiras que, apesar das grandes dificuldades se mantêm firmes no seu posto de trabalho e tudo dão para que a cultura e o bem-estar físico e mental sejam património de todos e de cada um de nós.

Saudamos todos aqueles que, sem olharem a sacrifícios, lutam pelo progresso e bem-estar do nosso povo.

Saudamos com carinho a mulher moçambicana, as nossas mães, aquelas que geram permanentemente no seu ventre os heróis desta Pátria.

Saudamos com particular amor as nossas crianças, flores que nunca murcham, continuadoras da revolução moçambicana. Elas são a razão principal da nossa luta, nelas construímos hoje a garantia do futuro brilhante que desejamos para o nosso país.

Saudamos igualmente aqueles que vindos dos vários continentes labutam solidários com o nosso povo, mesmo em condições difíceis, contribuindo com a sua persistência, dedicação e competência para o engrandecimento e prosperidade da Pátria moçambicana.

Com o esforço e a dedicação de todos, faremos do ano de 1986, uma etapa decisiva na resolução das nossas dificuldades, na construção de uma vida melhor para nós e para os nossos filhos.

Festas Felizes!

Boa Saúde. Bom trabalho e muitas vitórias!

p.3

no combate ao roubo no Estado, à utilização do Estado para o enriquecimento de alguns, à candelagem, ao burocratismo, à negligência, ao desleixo ao relaxamento e à indisciplina.

Assim reforçaremos a disciplina, generalizaremos o princípio da austeridade e o espírito de trabalho árduo, o espírito de servir o povo.

Assim exerceremos o nosso poder de Estado.

Assim faremos de 1986, o Ano da Responsabilização. Moçambicanos,

Mil novecentos e oitenta e seis, será o ano das Segundas Eleições Gerais. Seremos chamados a eleger de entre nós, aqueles que mais seguras provas deram da capacidade de